

UMA ANÁLISE DE IDEOLOGIAS EM *FAKE NEWS* SOBRE O HISTÓRICO E USO DA CLOROQUINA NA PANDEMIA DE COVID-19

AN ANALYSIS OF IDEOLOGIES IN *FAKE NEWS* ABOUT THE HISTORY AND USE OF THE CHLOROQUINE IN THE COVID-19 PANDEMIC

Marlon Oliveira dos Santos¹

RESUMO: Deleuze (1990/1992) propõe que as sociedades de controle exercem formas de vigilância e autoridade por meio de modulações, estando, então, qualquer espaço sujeito a esses modos de controle. Dessa forma, o objetivo deste artigo é analisar ideologias em *fake news* sobre o histórico e uso da cloroquina no contexto da pandemia de Covid-19 através da visão deleuzeana de sociedades de controle, situando-as em discursos propagados através de redes sociais e seus algoritmos. Logo, foi necessária uma revisão histórica tanto sobre notícias falsas quanto sobre redes sociais. Para a geração de dados, foi utilizado o site da Agência Lupa, uma agência de verificação de fatos e plataforma de combate à desinformação. A metodologia consiste na análise qualitativa de notícias falsas retiradas de verificações do site utilizando de dois construtos teórico-analíticos principais: o cronotopo abordado por Blommaert (2015) e a indexicalidade abordada por Silverstein (2006). Com isso, o trabalho se propõe a analisar como signos – linguísticos ou não – invocam diferentes tempos e espaços, conectando discursos e ideologias a favor da visão de governo do então presidente da república, principalmente no que diz respeito a uma visão contrária.

Palavras-chave: Fake News. Cloroquina. Covid-19. Ideologias. Indexicalidade.

ABSTRACT: Deleuze (1990/1992) proposes that the societies of control perform ways of vigilance and authority by modulations. Consequently, any space would be subject of these means of control. For this reason, the objective of this article is to analyze ideologies present in fake news about the history and use of the chloroquine in the context of the Covid-19 pandemic through the deleuzian vision of the societies of control, by setting them in discourses spread through social medias and their algorithms. Consequently, a historical review about fake news and social media was necessary. The website for the Brazilian fact-checking and combating misinformation platform, Agência Lupa, was used as a way of generating the data from the present article. The methodology applied here consists in the qualitative analysis of fake news taken from fact-checks of the website by using two main theoretical and analytical constructs: the chronotope (Blommaert, 2015) and the indexicality (Silverstein, 2006). With this in mind, this article proposes to analyze how some signs – being them linguistic or not – evoke different times and spaces, connecting discourses and ideologies in favor of the view of government of

¹ Mestrando no Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada; Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Rio de Janeiro-RJ; E-mail de contato: marlon@letras.ufrj.br.

the then-President of Brazil, especially when some discourses were against his idea of government.

Keywords: Fake News. Chloroquine. Covid-19. Ideologies. Indexicality.

Introdução

O site do Consórcio de Veículos de Imprensa formado por *O Estado de S. Paulo*, *GI*, *O Globo*, *Extra*, *Folha de S.Paulo* e *UOL* mostra que, até a data em que foi escrito esse artigo, em outubro de 2022, houve um total acumulado de 34.782.182 casos conhecidos e 687.120 mortes por Covid-19 desde o início da pandemia no Brasil, em 2020. Além das altas transmissibilidade e letalidade da nova cepa do vírus, nomeada de SARS-CoV-2, que fez com que a OMS (Organização Mundial da Saúde) declarasse o surto como uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional, outro aspecto sobre a pandemia destacou-se: a alta circulação de notícias falsas em relação tanto ao vírus quanto a possíveis formas de tratamento, principalmente no Brasil.

Sendo assim, o presente artigo tem o objetivo de propor um estudo da atuação política de textos e discursos que disseminam informações falsas sobre a pandemia de Covid-19 seguindo os caminhos de uma Linguística Aplicada (LA) INdisciplinar (MOITA LOPES, 2006), ou ainda, uma LA de desaprendizagem (FABRÍCIO, 2006), que explora saberes de diferentes campos, entendendo que “[...] vários elementos que se arranjam de determinada forma contribuem para a produção de certos efeitos de sentido” (FABRÍCIO, 2006, p. 59), indo, assim, além das fronteiras de qualquer disciplina e explorando-as de modo a compreender aspectos da sociedade.

Dessa forma, estudo os discursos e ideologias presentes nas *fake news* através de construtos teórico-analíticos como o cronotopo – abordado em Blommaert (2015) – e indexicalidade – abordado por Silverstein (2006). Esses conceitos atuam na análise de forma a observar como determinados signos – linguísticos ou não – privilegiam ideologias que fazem parte da visão de governo do ex-presidente da república e de seus apoiadores. Conseqüentemente, também exploro conceitos de discurso e de ideologias abordados por Blommaert (2005).

Julgo de suma importância a necessidade de explorar características que formam o antigo governo de modo a compreender melhor suas ideologias e suas contribuições para a produção dessas informações falsas. Para isso, uso o estudo de Löwy (2019). Já em relação à

circulação de *fake news* no mundo virtual, uso, como principais fontes teóricas para o tema, trabalhos de Burkhardt (2017), Santaella (2020), Tufekci (2015) e Giansiracusa (2021). Sendo esses dois últimos, contribuições mais inclinadas ao estudo dos algoritmos na internet e suas influências no usuário.

No que se trata do *corpus* gerado, as *fake news* analisadas são retiradas de verificações de notícias feitas pela Agência Lupa, site especializado em desmentir informações falsas, além de contribuir para a educação midiática de seus leitores.

Com o propósito de abarcar todas essas noções num estudo que compreende as *fake news* sobre a pandemia como formas de obter a adesão de uma parcela da sociedade a discursos e ideologias pró-governo, a principal base teórica em que este artigo se apoia é o estudo de Deleuze (1990/1992) sobre as sociedades de controle.

O Poder Político das *Fake News*

Notícias de cunho enganoso ocuparam as redes sociais e foram tomadas como verdade por grande parte da população nos últimos anos. Embora as *fake news* tenham ganhado bastante destaque – especialmente na era do governo Trump, nos Estados Unidos, e do governo Bolsonaro, no Brasil – elas não são conceitos novos. Há muito a humanidade lida com tal fenômeno.

Burkhardt (2017), em seu capítulo sobre o histórico das *fake news*, mostra que esse hábito de produzir notícias falsas é datado desde muito antes da era da imprensa escrita. A pesquisadora cita, por exemplo, o historiador bizantino, Procópio de Cesareia e suas histórias inventadas sobre o antigo imperador para que pudesse dissociar sua imagem da dele e, assim, conseguir, provavelmente, a aprovação do novo imperador; as *pasquinadas* criadas pelo italiano Pietro Aretino; os *canards* franceses; reportagens falsas produzidas pelo famoso escritor Edgar Allan Poe e transmissões de rádio feitas pelo Sacerdote Ronald Knox e pelo escritor e produtor Orson Welles, que foram entendidas como verdade, mesmo que tenham sido acompanhadas por avisos explicitando seu teor ficcional.

Apesar de algumas dessas histórias fazerem parte de categorias satíricas, tendo como principal objetivo o divertimento, outras caem no âmbito da desinformação e podem influenciar a população de forma política, como a do historiador bizantino. Assim, ao analisar o

desenvolvimento das *fake news* através da história da humanidade, partilho do mesmo pensamento de Santaella (2020) que, ao citar Bucci², afirma que as

Fake News afetam prioritariamente o campo da política. Há outros campos, evidentemente, como a medicina, o marketing etc., mas é, na política, que as consequências são as mais destrutivas, desde que dela e dos efeitos que produz depende grandemente o funcionamento saudável ou doentio de uma sociedade e a preservação de seus valores democráticos (BUCCI, 2019, apud SANTAELLA, 2020, p. 10)

Trazendo o foco para o Brasil, podemos nos perguntar o porquê de tantos acreditarem nessas informações falsas. O motivo, claro, é inalcançável, pois não temos acesso ao pensamento de cada pessoa que forma a população, porém, podemos pensar em algumas possibilidades. Löwy (2019), em sua análise sobre características neofacistas presentes no governo Bolsonaro, lista possíveis motivos de sua vitória nas urnas. Dentre eles “o desejo de parte significativa da população de um ‘Salvador da Pátria’, um ‘Homem Forte’, um ‘Mito’, capaz de ‘restabelecer a ordem’ e ‘limpar o país’” (LÖWY, 2019). Logo, o governo do então presidente do país buscava mostrar uma imagem heroica que luta contra a corrupção. Essa imagem

está presente no discurso da extrema direita europeia, mas de forma marginal. No Brasil é uma velha tradição, desde os anos 1940, dos conservadores: se levanta a bandeira do combate à corrupção para justificar o poder das oligarquias tradicionais e, segundo o caso, legitimar golpes militares. (LÖWY, 2019).

Moldando, assim, um inimigo idealizado, que carrega características mais progressistas. Os alvos para a atribuição dessa imagem de inimigo vieram a ser o Partido dos Trabalhadores (PT) e a parcela da população que não apoia a visão de governo instituída por Bolsonaro e seus apoiadores, bem como suas atitudes.

Essa suposta ameaça do inimigo era uma das principais fontes de força alimentadas pelo governo de Bolsonaro. Todavia, além dela, outras fontes ajudavam o governo a sustentar esse poder que tinha, como a disseminação de informações e notícias, visto que “[t]udo vale e espraia-se com a velocidade relâmpago de meros toques na correnteza dos rios das *timelines*, graças às facilidades para se registrar e ser membro de gigantescas redes de participação e compartilhamento.” (SANTAELLA, 2020, p. 12). E, assim, quando relacionamos produção e disseminação de informações falsas ao antigo governo, podemos entender que “[...] Bolsonaro

²BUCCI, Eugenio. *Existe democracia sem verdade factual?* São Paulo: Estação das Letras de Cores, 2019a.

e seus seguidores [...] são fortes adeptos das redes sociais, especialmente do Twitter e do WhatsApp, redes de compartilhamento mais breves e velozes.” (SANTAELLA, 2020, p. 9). Isso é reforçado, ainda, com a ideia que Santaella (2020) argumenta de que vivemos em bolhas. Bolhas ideológicas que agrupam sujeitos que compartilham das mesmas crenças e, muitas vezes, possam ter resistência quando confrontados.

Se pensarmos nessas bolhas, poderíamos assumir que todos que fazem parte delas estão conscientes de que são informações falsas e que, ao compartilhá-las, acabam contribuindo para a desinformação? É provável que nunca tenhamos essa resposta, mas podemos refletir que cada indivíduo possui um repertório de vida diferente que os leva a ser quem são atualmente. Desse modo, Santaella (2020) propõe que

[o]s intérpretes das Fake News são pessoas vivas que existem no seu tempo e no seu espaço. São seres pensantes que sentem, agem e ininterruptamente interpretam -- de acordo com o repertório informacional de que dispõem --, as enxurradas de signos que recebem pelos mais variados meios, desde as conversas familiares, passando por todas as mídias até as novas formas de conversação e socialidade que as redes digitais inauguraram. (p. 22)

Isso se torna ainda mais forte quando pensamos na influência que os algoritmos têm, não só na educação política, mas no que usuários tomam como verdade. Isso vai além do que os usuários podem controlar e, compartilho do que foi proposto pela autora, de que o mal da desinformação tem de ser combatido desde o início, de forma a preparar os indivíduos para terem uma visão crítica sobre o que recebem, compartilham e entendem como verdade, principalmente no mundo online. (SANTAELLA, 2020).

Algoritmos como Modos de Controle

A internet tem um papel fundamental na disseminação de informação, sendo sua veracidade comprovada ou não. Assim, os algoritmos têm grande influência nessa circulação, pois, como apontado por Tufekci (2015), uma das características dos algoritmos é que eles são “processos computacionais que são utilizados para tomar decisões de tal complexidade que as entradas e saídas de dados não são nem transparentes nem óbvias para um humano observando de forma simples.” (p. 206, tradução minha).

Com base na influência dos algoritmos nas tomadas de decisão dos usuários da internet, Giansiracusa, em um de seus estudos, apresenta um relato de um vice-presidente do partido de

Bolsonaro em 2019, que dá os créditos de seu recrutamento ao partido para a plataforma, de acordo com uma investigação do New York Times mencionada por Giansiracusa (2021), "Ele [o vice-presidente] estava passando tempo no site [YouTube] um dia [...] quando a plataforma lhe sugeriu um vídeo de um blogueiro de direita. Ele assistiu, por curiosidade. Então a plataforma sugeriu mais outro, e outro". (GIANSIRACUSA, 2021, p. 78, tradução minha.) dando, dessa forma, créditos de sua educação política à plataforma e, conseqüentemente, adotando um regime de verdade para si.

Dessa forma, compreendo os algoritmos como agentes não humanos, mas controlados por humanos, que potencializam a circulação de informações falsas, de modo a controlar, de certa maneira, o que seus usuários têm como verdade. Em vista disso, considero os algoritmos como modos de controle, conceito apresentado por Deleuze (1990/1992).

Deleuze (1990/1992) aborda três tipos de sociedade que a humanidade já experienciou ou ainda experiencia. O primeiro deles é composto pelas sociedades de soberania, “cujo objetivo e funções eram [...] açambarcar, mais do que organizar a produção, decidir sobre a morte mais do que gerir a vida [...]” (DELEUZE, 1990/1992, p. 219). Em outras palavras, as sociedades de soberania visavam manter a ordem de forma absoluta, por meio de torturas, mortes, execuções em praça pública etc.

Já o segundo tipo é composto pelas chamadas sociedades disciplinares, situadas por Foucault, que se caracterizam pelos diferentes meios de confinamento, cada um com o seu tipo de disciplina. De acordo com Deleuze (1990/1992)

[o] indivíduo não cessa de passar de um espaço fechado a outro, cada um com suas leis: primeiro a família, depois a escola (“você não está mais na sua família”), depois a caserna (“você não está mais na escola”), depois a fábrica, de vez em quando o hospital, eventualmente a prisão, que é o meio de confinamento por excelência.” (DELEUZE, 1990/1992, p. 219)

Entretanto, o tipo de sociedade que é o foco desta pesquisa é composto pelas sociedades de controle. Essas sociedades seriam uma mutação das sociedades disciplinares. Diante disso, os modos de controle – ou controlatos – seriam mais sutis em relação às formas de disciplina. Assim,

[o]s confinamentos são *moldes*, distintas moldagens, mas os controles são uma *modulação*, como uma moldagem auto-deformante que mudasse continuamente, a cada instante, ou como uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto a outro. (DELEUZE, 1990/1992, p. 221)

Considerando o comentário de Deleuze (1990/1992) em relação a análises de Paul Virilio sobre “as formas ultra-rápidas de controle ao ar livre, que substituem as antigas disciplinas que operavam na duração de um sistema fechado.” (p. 220), entendo que, ao trazer a ideia de controle ao ar livre para a atualidade, é possível considerar não só as redes sociais como pertencentes a esse grupo, mas também os algoritmos, de forma a contribuir para as sociedades de controle.

Desse modo, não percebemos de forma palpável os modos de controle, como os confinamentos das sociedades disciplinares, mas somos inseridos nessas sociedades de forma fluida e quase imperceptível. Pode-se tomar como exemplo qualquer pessoa que tenha acesso a um *smartphone*. Mesmo que não acesse redes sociais, outros aplicativos e navegadores sugerem conteúdos com base no que a pessoa procura e, assim, criam um perfil de busca específico para esse usuário. Controlando-o de forma a consumir o que os algoritmos entendem como bom para ele.

Entendo, então, algoritmos como ideológicos e que, ao potencializarem a circulação de *fake news*, se tornam agentes sociais. Em vista disso, entendo ideologias como conjuntos de crenças, de origem cultural. Assim, compartilho do pensamento de Blommaert (2005) de que ideologia é “[...] senso comum, as percepções normais que temos do mundo como sistema, as atividades naturalizadas que sustentam as relações sociais e as estruturas e os padrões de poder que reforçam esse senso comum.” (BLOMMAERT, 2005, p. 159, tradução minha.).

Portanto, quando assumo que algoritmos são ideológicos, considero que, quando atuam no redirecionamento da atenção dos usuários de redes sociais a determinados conteúdos, esses programas juntam pessoas em nichos em que seus regimes de verdade e crenças tornam-se senso comum dentro daquele espaço, moldando, assim, determinados grupos da sociedade.

Em vista disso, entendo que os algoritmos trabalham de forma ativa em processos virtuais e que, assim como o entendimento de Deleuze (1990/1992) sobre as sociedades de controle, esses programas direcionam perfis e ideologias, modulando a singularidade dos usuários de forma que possam ser induzidos a determinados pontos de vista e opiniões. Considerando os procedimentos algorítmicos como componentes dessas formas de controle,

entendo-os como responsáveis, em partes, pela propagação de notícias falsas sobre a pandemia de Covid-19.

Cronotopo e Indexicalidade em três *fake news* sobre a pandemia de Covid-19

Para analisar os processos ideológicos presentes em *fake news* sobre a pandemia de Covid-19, faço uso dos construtos de cronotopo e indexicalidade. Para trabalhar com tais conceitos, uso como base Blommaert (2015) e Silverstein (2006). Além disso, as notícias falsas aqui analisadas foram retiradas de análises de verificação e checagem feitas pela agência Lupa. Logo, o intuito deste artigo não é verificar se as informações são verdadeiras ou falsas, mas, sim, analisar processos ideológicos presentes nos discursos coletados.

Ao me orientar para uma Análise de Discursos, entendo que “[...] discurso [...] compreende todas as formas de atividade semiótica humana significativa que têm conexão com padrões sociais, culturais, históricos e como eles são usados.” (BLOMMAERT, 2005, p. 2, tradução minha.). Considerando, assim, a língua em ação, inseparável do social. Com isso, é importante o entendimento de diferentes aspectos que moldam o discurso, tendo em vista não só os aspectos linguísticos, mas também os contextuais. Para Blommaert (2015), há complexidade quando nos referimos ao contexto. Assim sendo, o autor faz uso do conceito de Bakhtin, o cronotopo.

De acordo com o pesquisador, a noção de cronotopo “[...] nos ajuda a resolver dois problemas persistentes no estudo da língua em sociedade.” (BLOMMAERT, 2015, p. 106). Sendo o primeiro desses problemas a divisão entre micro e macro, em que micro se refere à “[...] análise discursiva da interação oral ou a análise sociolinguística das variáveis individuais na fala [...]” (BLOMMAERT, 2015, p. 106, tradução minha) e macro à “análise crítica do discurso que é ideologicamente orientada e estudos sobre política e atitudes políticas [...]” (BLOMMAERT, 2015, p. 106, tradução minha). Já o segundo problema trata da “predominância de modelos unidimensionais de sentido” (BLOMMAERT, 2015, p. 106, tradução minha), ou seja, tratar o discurso como apenas aquilo que é dito, sem considerar outros aspectos que podem influenciar no sentido do texto verbal.

Logo, entendo o cronotopo como a “[...] mistura intrínseca de espaço e tempo em qualquer evento do mundo real [...].” (BLOMMAERT, 2015, p. 106, tradução minha.). Assim,

o cronotopo ancora os textos em múltiplos espaços e tempos. Sendo essa ancoragem feita a partir da indexicalidade que, de acordo com Silverstein (2006)

[...] é apenas o princípio da contextualização de signos em uso, sejam eles linguísticos ou de outra natureza. Ela é vista como um componente de significado das formas de signos. A indexicalidade se revela na forma como os signos, sejam eles linguísticos ou não, apontam seus usuários para as condições específicas em que os utilizam. (SILVERSTEIN, 2006, p. 14, tradução minha.)

Dessa forma, entendo a indexicalidade como o modo que determinados signos são colocados em discursos de forma a apontar – ou indexar – para determinados significados dentro do complexo contexto em que está inserido, ancorando os discursos em diferentes espaços e tempos. Assim, os signos possuem cargas ideológicas que não podem ser analisadas apenas no nível linguístico.

Com isso, neste artigo, analiso o *corpus* gerado de forma qualitativa, considerando como os signos presentes em notícias falsas sobre a pandemia de Covid-19 apontam para diferentes tempos e espaços através da indexicalidade e, assim, integram a visão ideológica de governo do ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro.

O *corpus* é composto de três *fake news* retiradas de três verificações de fatos do site da agência Lupa. Todas as três informações falsas são a respeito do tratamento da Covid-19 com cloroquina ou sobre o histórico do medicamento e foram escolhidas por terem, a meu ver, cargas ideológicas fortes em seus discursos, o que deixa a análise ainda mais interessante.

A agência Lupa é uma plataforma que visa o combate a desinformação por meio de verificação de notícias. Escolhi essa agência por ter sido por meio dela que, durante a pandemia, acompanhei os processos de checagem de fatos. Além de acompanhar sobre a pandemia, também acompanhei outros temas no site, como as eleições.

A primeira informação falsa analisada está presente na verificação de título *É falso que Doria proibiu cloroquina nos hospitais de São Paulo*, feita por Chico Marés e publicada no dia 01 de abril de 2020, às 20h43.

Veja a imagem compartilhada nas redes sociais abaixo:

Figura 1 – Notícia falsa sobre proibição de cloroquina em São Paulo

Doria proíbe, a cloroquina
nos hospitais de São
Paulo.....

Quer que o povo brasileiro
morra mesmo !
Doria comunistas,
junto com todos os
governadores e prefeitos
canalhas..



Fonte: site da Agência Lupa. Disponível em: <<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2020/04/01/verificamos-doria-cloroquina-coronavirus/>> Acesso em 16 de agosto de 2022.

Em seguida, observe a transcrição do texto com signos destacados por mim:

“Doria proíbe, a cloroquina nos hospitais de São Paulo..... Quer que o povo brasileiro morra mesmo ! Doria *comunistas*, junto com *todos os governadores e prefeitos canalhas...*”

TEXTO A

O texto acima, já verificado e desmentido pela agência Lupa, é uma crítica a uma suposta proibição que o governador de São Paulo, João Dória, teria imposto à medicação que foi originalmente desenvolvida para o tratamento da malária. De acordo com a agência, a imagem foi “[...] publicada no Facebook que, até [à]s 19h40 do dia 1º de abril de 2020, tinha sido compartilhada por cerca de 800 pessoas” (MARÉS, 2020). Além disso, o responsável pela

publicação da verificação, Chico Marés, explica em detalhes o porquê de a informação não ser verdadeira.

No que se refere à análise dos signos presentes na imagem, a expressão *comunistas*, que foi destacada em negrito por mim, tem um valor fundamental em discursos a favor do antigo governo. Para isso, é necessário entender que o termo invoca cronotopos e discursos ligados a ele.

Antes de chegar à expressão em análise, é importante explorar características do antigo governo que influenciam o uso do termo. Sendo assim, Michael Löwy (2019) pondera que o uso do termo “fascismo” não cabe necessariamente para caracterizar o governo de Bolsonaro. Assim, o pesquisador o caracteriza como neofascismo e ilustra razões pelas quais os dois se diferenciam:

(a) não existe, em nenhum dos países em que o neofascismo está em ascensão, uma “ameaça revolucionária”; (b) o grande capital manifesta pouco entusiasmo pelo programa econômico “nacionalista” da extrema direita, embora possa vir a se acomodar a essa política; (c) o apoio aos Trump, Bolsonaro ou Le Pen não se limita à pequena burguesia, mas inclui grandes contingentes populares e mesmo da classe operária. (LÖWY, 2019)

Desse modo, ao analisar o governo de Bolsonaro, Löwy (2019) entende que há relações com países que têm o fascismo no histórico, porém destaca que há diferenças importantes entre o Brasil e outros países da Europa. Um desses pontos é o fato de que

[...] o tema da luta contra a corrupção está presente no discurso da extrema direita europeia, mas de forma marginal. No Brasil é uma velha tradição, desde os anos 1940, dos conservadores: se levanta a bandeira do combate à corrupção para justificar o poder das oligarquias tradicionais e, segundo o caso, legitimar golpes militares. Bolsonaro conseguiu manipular este sentimento legítimo de indignação contra os políticos corruptos para se impor, e venceu a disputa de opinião na sociedade, ao identificar (falsamente) o PT como o núcleo do sistema político do Estado brasileiro e como o principal responsável pela corrupção. (LÖWY, 2019)

Resultando assim, numa caracterização do inimigo para seu governo, a ameaça comunista que seus seguidores tanto temem. Dessa forma, a expressão destacada indexa para outro tempo e espaço, que traz à tona sua visão ideológica, quando pensamos nos movimentos comunistas da história da humanidade, principalmente no que se refere à Ditadura Militar e a extinta União Soviética.

Já o segundo termo destacado “*todos os governadores e prefeitos canalhas*” indexa justamente governadores e prefeitos que, não necessariamente reprovavam o governo antigo, mas que não apoiavam o uso da cloroquina como tratamento para a Covid-19. O excerto verbal é seguido da reprodução de sete *emojis* que indexam a indignação do autor no texto em relação à suposta notícia.

É possível notar, então, como os modos de controle, para além dos mecanismos da internet, moldam a opinião do público sobre a notícia disseminada, trazendo acontecimentos que são imbricados e organizados de forma a facilitar que os usuários das redes sociais acreditem nessas *fake news*. Isso é notável quando se sabe que o ex-prefeito, João Dória, mostrou certa resistência ao governo do ex-presidente e trabalho para que a vacinação contra a Covid-19 fosse acelerada. Resultando, assim, na formação de mais um inimigo ideológico.

A segunda notícia falsa a ser analisada está presente na verificação intitulada *É falso que médico paraense descobriu a cloroquina*, escrita por Maurício Moraes e publicada no dia 21 de maio de 2020, às 19h45. A notícia falsa, de acordo com o site, foi publicada no “[...] *Facebook* que, até as 18h de 21 de maio de 2020, tinha 170 compartilhamentos” (MORAES, 2020).

Observe a imagem que circulou em redes sociais a seguir:

The image is a composite graphic designed to look like a social media post. On the left is a black and white portrait of a man with a mustache, identified as Dr. Gaspar Vianna. In the center is a box of Chloroquine with a virus-like illustration. Below the box, the text reads: "VOCÊ SABIA QUE FOI UM PARAENSE QUE DESCOBRIU A CLOROQUINA?" and "DR. GASPARI VIANA". At the bottom right is a logo for "S.O.S. PÁTRIA AMADA". On the right side, there is a screenshot of a Facebook post from 20 hours ago. The post text says: "Boa noite! A Hidroxicloroquina, pra quem não sabe !!! E acho que nem o governador e o prefeito, também não sabem, que este medicamento foi inventado por um paraense, o Dr. GASPARI VIANNA !!! Que era médico patologista e cientista, e que faleceu em 1914 aos 29 de idade. Deixou esse legado para a humanidade, e detalhe nem quis patentear o remédio, por isso é medicamento de domínio público. Na época, ele criou esse medicamento para curar os doentes da malária, e que hoje esse medicamento é usado pra salvar vidas na pandemia. Que bom seria, se os nossos governantes lembrassem desse benfeitor da humanidade, e que o nosso estado deveria ser lembrado como referência mundial em salvar vidas, por ter esse filho ilustre. Muito obrigado, Dr. Gaspar Vianna! <https://www.facebook.com/sospatriaamadaoficial/>". The post has 148 reactions, 73 comments, and 171 shares. A comment from a user named 'Temos' says "que agradecer" and has 1 like.

FIGURA 2 – Notícia falsa sobre descoberta da cloroquina

Fonte: site da Agência Lupa. Disponível em: <<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2020/05/21/verificamos-medico-paraense-descobriu-cloroquina/>> Acesso em 16 de agosto de 2022.

A notícia falsa é composta de uma imagem e uma legenda. A imagem mostra o médico Gaspar Viana. Ao lado do médico, pode-se observar uma ilustração do formato do vírus Sars-Cov-2 e a embalagem do medicamento da cloroquina. A imagem tem a logo de uma página do *Facebook* chamada “S.O.S PÁTRIA AMADA”, cujo link é indicado na legenda da publicação. Ainda na imagem, temos o excerto, o qual é transcrito a seguir:

VOCÊ SABIA QUE FOI UM PARAENSE QUE DESCOBRIU A CLOROQUINA?
DR. GASPAR VIANA

TEXTO B

No excerto que se encontra na imagem da publicação, podemos notar a pergunta dirigida diretamente ao público que lerá a notícia, além de escolhas de palavras que ajudam a despertar um interesse na informação, como *VOCÊ SABIA*.

Além disso, podemos notar o uso da frase *FOI UM PARAENSE QUE DESCOBRIU A CLOROQUINA*, que pode indexar um sentimento de patriotismo, já que dá a um cientista brasileiro a responsabilidade de ter descoberto um medicamento que, na visão do antigo presidente e seus seguidores, tem alta eficiência contra a doença. O suposto patriotismo também é uma marca ideológica forte no governo de Bolsonaro.

Transcrevo, também, a legenda que acompanha a imagem:

Boa noite!
A Hidroxicloroquina, pra quem não sabe !!! *E acho que nem o governador e o prefeito, também não saibam*, que este medicamento foi inventado por um paraense, o Dr. GASPAR VIANNA !!! Que era médico patologista e cientista, e que faleceu em 1914 aos 29 de idade. *Deixou esse legado para a humanidade*, e detalhe *nem quis patentear o remédio*, por isso é medicamento de domínio público. Na época, ele criou esse medicamento para curar os doentes da malária, e que hoje esse medicamento é usado pra salvar vidas na pandemia. *Que bom seria, se os nossos governantes lembrassem desse benfeitor da humanidade, e que o nosso estado deveria ser lembrado Como referência mundial em salvar vidas, por ter esse filho ilustre.*
Muito obrigado, Dr. Gaspar Vianna!

TEXTO C

A expressão *E acho que nem o governador e o prefeito, também não saibam* indexa, no tempo e espaço em que ocorre a situação – ou seja, Belém do Pará – que o governador e prefeito provavelmente não aderiram ao discurso do então presidente e seus seguidores a favor da cloroquina. Além disso, há expressões como *Deixou esse legado para a humanidade; nem quis patentear o remédio e Que bom seria, se os nossos governantes lembrassem desse benfeitor da humanidade, e que o nosso estado deveria ser lembrado [...] Como referência mundial em salvar vidas, por ter esse filho ilustre*, que podem indexar supostas visões patrióticas e humildes sobre o cientista. Visões que foram sempre reforçadas pelo então governo, mesmo que não fossem reais.

Essa segunda notícia falsa traz uma visão ideológica de patriotismo para o governo do ex-presidente, mostrando que Jair Bolsonaro apoiava a ciência brasileira e explicitando certa ingratidão que parte do povo brasileiro tinha por ele. Há de se notar como os modos de controles

modulam, nesse caso, visto que trabalham com discursos científicos que são normalmente aceitos com mais legitimidade e precisam de uma apuração mais minuciosa, fazendo com que o público acredite com mais facilidade.

A terceira e última notícia falsa a ser analisada está presente na verificação de título *É falso que cloroquina foi recomendada como forma de tratamento durante gripe espanhola*, escrita por Nathália Afonso e publicada no dia 25 de fevereiro de 2021, às 11h47. A notícia falsa, de acordo com o site, foi publicada no *Facebook* e “[...] que até às 11h do dia 25 de fevereiro de 2021, tinha sido compartilhado por 1,5 mil pessoas [...]”. (AFONSO, 2021).

A seguir, a imagem compartilhada nas redes sociais:

FIGURA 3 – Notícia falsa sobre uso da cloroquina na epidemia de Gripe Espanhola



Fonte: site da Agência Lupa. Disponível em: <<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2021/02/25/verificamos-cloroquina-gripe-espanhola/>> Acesso em 16 de agosto de 2022.

A imagem da notícia falsa é composta de uma foto de um anúncio de 1918 que promove a venda de um medicamento contra a gripe espanhola chamado “chloro quinino”, ou cloridrato

de quinino, uma droga diferente da cloroquina. Além disso, essa droga não é eficaz contra a gripe, assim como a cloroquina não é eficaz contra a Covid-19.” (AFONSO, 2021)

Neste caso, é interessante notar que o fato de os dois medicamentos terem nomes parecidos auxilia na credibilidade informação falsa. Além disso, é importante perceber como acontecimentos dos dias atuais são transportados para um período há mais de um século e que os dois casos são informações falsas abordadas como verdade.

De acordo com a responsável pela verificação, Nathália Afonso, o “texto foi feito por uma farmácia mineira que pretendia vender o cloridrato de quinino mesmo sem que o remédio tivesse eficácia comprovada para gripe espanhola.” (AFONSO, 2021). Desse modo, os períodos se confundem ao relacionar dois acontecimentos parecidos em situações que não estão presentes no texto linguístico, mas, sim, nos seus complexos contextos. A história de 1918 parece se repetir em 2020, mudando apenas a doença, a medicação e os responsáveis por anunciar o remédio como eficaz.

Em seguida, transcrevo dois textos presentes na publicação:

Nossa será que *vão ficar irritados*?

TEXTO D

Desde 1918... só os médicos formados no período petista não sabem...

TEXTO E

No que se refere aos signos linguísticos, a expressão *vão ficar irritados* na pergunta feita no *TEXTO D* indexa, no contexto específico de polarização política que vivenciamos no Brasil, não só à parcela da população que não é favorável ao uso da cloroquina no tratamento precoce da Covid-19, mas também à oposição do governo de Jair Bolsonaro. Isso é reforçado no fragmento seguinte.

No *TEXTO E*, a data 1918 nos leva a comparar a pandemia de Covid-19 com a epidemia de gripe espanhola. Na frase seguinte, temos a expressão *período petista*, que, ao lembrarmos o estudo de Löwy (2019) e a produção de um inimigo para o governo do ex-presidente, indexa que, não só o que está na superfície linguística da frase – aqueles que se formaram médicos nos antigos governos do Partido dos Trabalhadores (PT) –, mas também ao que vai mais além, ou seja, todos que não apoiavam e que criticavam atitudes do governo de Jair Bolsonaro, não somente em relação à pandemia de Covid-19.

Para essa notícia falsa podemos usar ferramentas que ajudam a analisar sua composição ideológica e identificar como os modos de controle trabalham. Primeiro, podemos notar o conceito do cronotopo ao ver como quem produziu a publicação trabalha com os nomes dos medicamentos de forma a confundir o leitor e fazê-lo acreditar na informação, mesclando acontecimentos de 1918 e de 2020 em diante. Além disso, nota-se a necessidade de indexar o inimigo em comum – PT – ao caracterizar quem não acredita nessas informações. Esses argumentos juntos contribuem para um fortalecimento na notícia falsa.

Considerações Finais

No presente artigo, me propus a fazer uma análise de ideologias presentes em três *fake news* sobre o uso da cloroquina e seu histórico na pandemia de Covid-19 através das redes sociais. Essas ideologias fariam parte de modos de controle, cuja principal base teórica foi Deleuze (1990/1992). Dessa forma, entendo que, nos dias atuais, o rápido fluxo de informações que a internet e as redes sociais – além de artifícios que as compõem, como os algoritmos – oferecem acabam favorecendo a disseminação de informações falsas que, uma vez compartilhadas, podem afetar a sociedade.

Levando isso em consideração, analisei discursos de três *fake news* relacionadas tanto ao uso quanto ao histórico da cloroquina a partir de construtos de cronotopo, abordado por Blommaert (2015) e indexicalidade, abordado por Silverstein (2006). Com isso, concluo que, através desses construtos teórico-analíticos, é possível perceber que as notícias falsas aqui discutidas invocam diferentes tempos e espaços que conectam discursos e ideologias a favor da visão de governo do ex-presidente do país. Esses espaços que, conectando diferentes discursos e ideologias, indexam a fricção de múltiplas visões científicas a respeito da cloroquina, fomentando, também, uma disputa de cunho político-partidário. Por isso, faz-se necessário um investimento em um letramento informacional para o combate a esse tipo de desinformação.

REFERÊNCIAS

BLOMMAERT, J. (2015). Chronotopes, scales and complexity in the study of language in society. *Annual Review of Anthropology*, 44(44), 105-116. <http://dx.doi.org/10.1146/annurev-anthro-102214-014035>

BLOMMAERT, J. Ideology. In: *Discourse: Key topics in sociolinguistics*. Cambridge: CUP, 2005, p. 158-202.

BURKHARDT, J.M. (2017). History of Fake News. In *Library Technology Reports (Ed.), Combating Fake News in the Digital Age*. Acesso em: 31 ago., 2022, <https://journals.ala.org/index.php/ltr/article/viewFile/6497/8631>.

DELEUZE, G. (1990/1992). *Conversações*. Trad Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34. Post-scriptum sobre as sociedades de controle.

FABRÍCIO, B. F. Linguística aplicada como espaço de "desaprendizagem": Redescrições em curso. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da *et al*, (org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. cap. 1, p. 47-65. ISBN 978-85-88456-49-5.

GIANSIRACUSA, N. *How Algorithms Create and Prevent Fake News: Exploring the Impacts of Social Media, Deepfakes, GPT-3, and More*. 1. ed. Nova Iorque: Apress, 2021. 239 p. ISBN 978-1-4842-7155-1. E-book (239 p.).

LÖWY, M. (2019) Neofascismo: um fenômeno planetário – o caso Bolsonaro. In: *A terra é redonda*. Disponível em < <https://aterraeredonda.com.br/neofascismo-um-fenomeno-planetario-o-caso-bolsonaro/> > Acesso em 31 de agosto de 2022.

MOITA LOPES, L. P. da *et al*, (org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. ISBN 978-85-88456-49-5.

SANTAELLA, L. A Semiótica das Fake News. *Verbum*, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 9-25, 30 set. 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/50522>. Acesso em: 10 out. 2022.

SILVERSTEIN, M. Pragmatic indexing. In: Jacob Mey. *Concise Encyclopedia of Pragmatics*. London: Elsevier, 2006, p.756-759.

TUFECKI, Z. *Algorithmic harms beyond facebook and google: emergent challenges of computational agency*. COLO. TECH. LJ. (vol. 13), 2015.